

## **A ESCOLA E A ESFINGE: CULTURAS E SABERES JUVENIS, UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO**

**MAIA**, Carla Linhares. – PUC-MINAS/FAE-UFMG – carlalinharesmaia@globo.com

**GT:** Movimentos Sociais e Educação / n.03

**Agência Financiadora:** Sem Financiamento

### **1- NOTAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**

Este texto trata da relação entre culturas, grupos juvenis e escolas, tendo como referência a pesquisa realizada para conclusão do Mestrado em Educação, defendida em julho de 2004, com o título: Entre Gingas e Berimbaus: estudo de caso sobre culturas juvenis, grupo e escola.

O argumento central é a possibilidade e a urgência da construção de canais de comunicação entre educadores e gestores de escolas que atendem adolescentes e jovens com outros espaços de socialização, formação identitária e também, construção e circulação de saberes juvenis. Entendemos que a escola e os educadores precisam conhecer e reconhecer a existência destes espaços e se colocarem em relação e diálogo com os mesmos.

A escola contemporânea, que acolhe e educa adolescentes e jovens não pode mais viver fechada, ensimesmada, desconhecendo os outros espaços sociais por onde os seus estudantes circulam, produzem e apreendem hábitos, valores, visões de mundo e saberes – cultura – que trazem consigo para a escola, interferindo nas relações entre educadores e educandos, educandos e cultura escolar e entre os próprios educandos.

Os trabalhos de Abramo (1994), Peralva (1997), Spósito (2002, 2003), Novaes (2001), Carrano (2000, 2003), Dayrell (1996,1999,2001,2003), Guimarães (1998), dentre outros, sobre cultura juvenil e escola, demonstram a importância de efetuar um olhar diferenciado sobre os estudantes de nossas escolas.

Spósito (2000) destaca que com o aluno convive a sua condição sexual, sua cor e sua geração, enfatizando, que estas características constituem as múltiplas dimensões de um mesmo ser e, portanto, precisam ser levadas em conta quando se pretende melhor compreender a relação alunos e escola. A autora considera ainda, muito importante, que os pesquisadores se preocupem em pensar os alunos para além desta categoria, considerando

também sua condição juvenil para compreender esta fase da vida do ser humano, ainda tão pouco pesquisada na área da educação.

Deste modo, passei a considerar o fato de que os alunos são jovens, portadores de culturas diferenciadas, construídas em outros espaços, além da escola, o que indicou a importância de extrapolar os muros da instituição e desenvolver estudos nestes espaços que concorrem e/ou interagem com ela como instâncias de socialização dos jovens e de construção de saberes e também de suas referências de mundo. Espaços tradicionais como, por exemplo, os grupos comunitários, a igreja, a família, e outros não tão tradicionais, mas profundamente significativos no contexto atual como a mídia, os grupos culturais, as “gangues”, “as galeras”, dentre outros.

Dayrell (2001) estudou em sua tese de doutorado, jovens inseridos em grupos musicais, confirmando que estes grupos de música e outros como, por exemplo: capoeira, dança, teatro e religião, se consolidam como espaços importantes de socialização e formação da identidade de jovens.

Analisando a bibliografia mais recente produzida sobre jovens, principalmente os cadernos resultantes de abrangentes pesquisas sobre a juventude brasileira<sup>1</sup>, percebe-se que ainda é muito atual e relevante estudos como este que ora se apresenta.

Isto posto, para a pesquisa desenvolvida no período de outubro de 2002 a setembro de 2003, definimos dois cenários para sua realização: o primeiro, uma escola pública municipal, aqui denominada Escola Sédna. O segundo, o Grupo de Capoeira M.B, criado e coordenado por um jovem capoeirista de 24 anos, morador do bairro onde a escola se localiza. Cenários sobrepostos e interligados, com várias cenas e atores em comum, porém, com textos e enredos distintos e descontraídos.

O objetivo foi observar, descrever e interpretar vivências de jovens estudantes nos dois cenários e, assim, compreender as diversas expressões culturais presentes no cotidiano escolar e os modos como a Escola, através de seus educadores e de seus projetos político-pedagógicos, com elas se relacionam.

---

<sup>1</sup> Refiro-me as seguintes pesquisas: - “Retratos da Juventude Brasileira- análises de uma pesquisa nacional”, organizada por Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco, “Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação”, organização de Regina Novais e Paulo Vannuchi e Democracia Viva: especial Juventude e política”, coordenada pelo Ibase e pelo Instituto Polis, em parceria com uma rede de instituições e apoiada pela Rede Canadense, “Centro de pesquisas para o desenvolvimento Internacional – IDRC,( sigla em Inglês) .

A proposta metodológica adotada foi a do Estudo de Caso histórico-antropológico, de abordagem etnográfica, na perspectiva da História Cultural (ou Antropologia histórica). Por esta escolha enveredamos pelo caminho da interdisciplinaridade- complexo e profundamente instigante, buscando abrigo e diálogo com a História, a Antropologia e a Sociologia.

Na Antropologia buscamos o conceito de cultura e o entendimento da etnografia na proposta de Clifford Geertz, em seu já clássico livro, “*A Interpretação das Culturas*”(1989). Torna-se necessário explicitar, como faz o autor que, a densidade da descrição não se refere a uma descrição materialmente densa e sim a uma descrição “*semanticamente*” densa. Para Geertz, a densidade da descrição está na capacidade do pesquisador “*ler*” o conteúdo simbólico de uma ação, interpretando-a em busca do significado.

O diálogo com a História, a Sociologia e a Antropologia forneceram elementos que ampliaram o universo de análise e compreensão dos diferentes contextos que envolvem a relação entre escola, juventude e grupos juvenis, auxiliando a busca por uma leitura “*densa*” do significado do Grupo juvenil para os jovens pesquisados e as possibilidades de diálogo entre escola e grupo.

Mantendo a consciência dos limites desta pesquisa, como subsidio a observação no campo, foi realizada uma breve pesquisa histórica-antropológica para compreender a relação: juventude, grupos juvenis e escola. Esta metodologia permitiu estabelecer o necessário diálogo entre presente e passado, e construir uma análise, ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica.

Como procedimento metodológico principal optou-se pela observação participante, priorizando a análise qualitativa dos dados. Os fatos foram observados, descritos, confrontados e interpretados em suas relações, expressões e manifestações no cotidiano da Escola e do Grupo de Capoeira. Procedimento este que permitiu perceber como diferentes expressões culturais interagem no cotidiano da vida escolar e demarcam a identidade distintiva dos jovens no nível simbólico.

Por conta da abordagem histórico-antropológica e nela, a utilização da etnografia, entre idas e vindas no “sítio”, foram realizados dez meses de observação do cotidiano escolar e do Grupo de capoeira. A observação ocorreu em diferentes espaços e situações:

pátio, quadra, ginásio, recreio, entrada e saída dos turnos, treinos, rodas e encontros do Grupo de Capoeira. Foram utilizadas diferentes técnicas de levantamento de dados e de conhecimento dos sujeitos da pesquisa como: questionário, entrevistas formais e informais, diário de campo, registros fotográficos, longas conversas com atuais e ex-alunos, antigos e novos professores, funcionários e equipes pedagógicas.

## 2. CULTURAS JUVENIS, GRUPOS E ESCOLA: SITUANDO OS CENÁRIOS

### 1º ato: a Escola Sédna: palco do encontro com as culturas juvenis

A Escola Sédna, palco maior desta investigação, é emblemática desta relação entre juventude, grupos culturais e escola. Ela faz parte da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e localiza-se na fronteira entre um bairro periférico e uma das maiores favelas da cidade.

Em suas fronteiras situam-se: do lado “*de baixo*”, um bairro residencial com pouco comércio e abrigando uma população identificada entre classe média e classe média baixa. Do outro lado, “*o de cima*”<sup>2</sup>, a favela, com seus barracões, ruas divididas e controladas pelas gangues do tráfico de drogas. Pensando com Da Matta (1997) estas fronteiras geográficas delimitam material e simbolicamente **espaços sociais distintos**: a Escola situa-se territorial e culturalmente na fronteira entre estes dois espaços de onde vêm os alunos. Como as demais escolas que compõem a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, a Escola Sédna faz parte do projeto implantado, em 1994, pela Secretaria Municipal de Educação- a “Escola Plural”,<sup>3</sup> com a adoção do sistema de ciclos de aprendizagem e progressão automática.

A Escola funciona em três turnos. No da manhã atende adolescentes na faixa etária entre 11 e 13 anos, oferecendo o 3º. ano do 2º. ciclo e 1º e 2º ano do 3º ciclo (5ª, 6ª. e 7ª séries do Ensino Fundamental). No turno da tarde atende adolescentes na faixa etária entre 14 e 17 anos, concluindo o terceiro ciclo (7ª. e 8ª. séries do Ensino Fundamental) e o Ensino Médio Regular. No noturno a Escola atende conjuntamente os segmentos da manhã e tarde, recebendo alunos de diferentes faixas etárias. Segundo dados de professores,

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por funcionários da Escola e Regional para situar econômico e socialmente os alunos da Escola.

<sup>3</sup> Projeto político-pedagógico implementado em 1994, na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, através da Secretaria Municipal de Ensino.

estudam neste turno desde adolescentes de 14 anos, jovens entre 18 e 25 anos, até adultos na faixa etária dos 40 anos.

Na opinião de grande parte dos professores pesquisados, as culturas dos jovens “*entram em choque*” com os valores transmitidos pela Escola. Alguns destes professores admitiram ter dificuldade em lidar com alunos, considerados, portadores de valores muito diferentes dos seus e da Escola. Estes professores ora atribuíam aos alunos valores contrastivos aos primeiros, ora referiam aos valores juvenis pela ausência ou negatividade.

Os valores juvenis mais constantes nas falas dos docentes estavam associados à demonstração de força e poder, rebeldia, desafio, contradição aos valores da Escola: “*Muitas vezes é difícil para os alunos respeitarem as regras da Escola, por quererem impô-las. Existe um choque de valores o que dificulta o trabalho.*” (PM)

Porém, estes mesmos professores diziam ter preocupação e interesse em conhecer mais os alunos, entender mais sobre os valores, visões de mundo, suas expectativas de futuro e sobre a Escola. Consideravam que este conhecimento os auxiliariam na aproximação com os jovens, permitindo realizar, “*um intercâmbio do que trazem com os novos conhecimentos, o que não deixa de causar um choque cultural. Às vezes ou sempre, eles (os jovens) trazem a sua cultura e não se interessam por outras culturas*”. (Professor JC)

De acordo com o depoimento de um dos professores existiria atualmente uma extrema valorização das manifestações culturais dos jovens. Esta “ênfase no jovem” associada “a sua tendência natural à contestação” teria formado, uma aura em torno das tribos e suas manifestações comportamentais, levando à uma idéia para a juventude de “que tudo é permitido”. (professor PR)

No depoimento dos docentes é muito presente a imagem de um abismo entre os objetivos e os valores da Escola e os dos alunos, o qual se forma porque a escola está muito preocupada com a transmissão de conteúdos, preparação para concursos e para o trabalho; e assim, distantes das demandas atuais dos jovens. Os jovens buscariam a Escola mais como um espaço de socialização do que de aquisição de conhecimento e não estariam abertos à conhecer outros referenciais culturais que não os do seu grupo ou da comunidade de pertencimento.

Sobre o Grupo de Capoeira os professores percebiam a sua presença na Escola como positiva. *“uma oportunidade importante de desenvolvimento de valores relacionados com a disciplina, a cooperação, o acatamento. Porém consideravam “uma pena que tais atitudes fiquem restritas à capoeira”*. Na percepção destes professores os alunos não transferem para a Escola as atitudes e os valores que desenvolviam no Grupo de capoeira.

Para um professor, *“a capoeira aproxima os alunos da Escola (...) resgata alguns valores”*. Mas concordando com a professora acima, acredita que *“esses valores se perdem; não são transpostos para a vida e sim para o momento (da capoeira)”*

## **2º ato: O Grupo de Capoeira em cena**

Na época em que a pesquisa foi realizada, o Grupo de Capoeira M.B era formado por, aproximadamente, 40 jovens. Destes, cerca da metade era flutuante, jovens que entravam e saíam, paravam as atividades e voltavam. Havia, porém, um outro grupo mais assíduo e participativo: a “Galerinha da Capoeira”. Ao término da observação de campo, alguns deles já estavam assumindo funções dentro do próprio Grupo, responsabilizando-se pelos treinos da Oficina de capoeira do Projeto Sexta Cultural no turno da noite na Escola, além de se prepararem para começar suas próprias turmas.

A Galerinha da Capoeira apresentava uma grande diversidade cultural e de trajetórias. Era formada por meninos e meninas entre 13 e 20 anos. Estudantes ou ex-estudantes da Escola Sédna. Moradores do bairro e da favela. Brancos, pardos e negros. Nascidos em Belo Horizonte, vindos de cidades vizinhas ou do interior, distribuídos nos três turnos e nos diferentes ciclos. Esta diversidade do Grupo, aliada ao fato destes jovens transitarem entre os espaços da escola, da capoeira, do bairro e da favela, foi fator decisivo para a escolha desta galerinha como sujeitos da pesquisa..

O Grupo M.B tinha como objetivos, por meio da prática da capoeira, divulgar e preservar esta arte-dança e ao mesmo tempo:

- estimular a participação de jovens em atividades culturais, lúdicas e criativas;
- incentivar a participação destes jovens em ações sociais e de voluntariado;
- criar estratégias e alternativas para a inserção social destes jovens, afastando-os das drogas e da violência que os cercava.

### **3ª Ato: Aproximando-se da Esfinge: Escola e Grupo De Capoeira: Culturas, Saberes e Aprendizados juvenis.**

Os grupos juvenis ainda são pouco pesquisados no campo da educação, principalmente, quando se trata de estudos sobre saberes e aprendizados juvenis. Geralmente, os grupos são definidos como espaços espontâneos, organizados em torno de atividades esportivas, artísticas, religiosas, políticas ou outras atividades culturais. Neste texto focamos o grupo juvenil como um espaço de socialização, formação identitária dos jovens e, também, como espaço privilegiado de construção e aprendizado de saberes juvenis.

Considerando as reflexões de Brenner, Dayrell e Carrano (2005) no texto “Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros”, entendemos que o conhecimento das formas e dos espaços de ocupação do “tempo livre”, dedicados “ao lazer” pelos jovens é fundamental para a construção de conhecimentos sobre esta fase da vida, suas representações e relação com o espaço e saberes escolares.

Analisando os dados da pesquisa nacional sobre a juventude brasileira, os autores demonstram que *“é principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbolismos e modos de ser que os diferenciam do mundo adulto”*(p.176). Deste modo, significam o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e se constitui, na juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais.

Ainda de acordo com os dados da pesquisa, demonstram que, pensado como tempo sociológico, o lazer - e neste sentido o grupo de pares ocupa a centralidade nas experiências juvenis – pode ser percebido como espaço de aprendizagem das relações sociais, com uma diferenciação primordial em relação à instituição escolar. No tempo de lazer, nos grupos de pares, como o Grupo de Capoeira M.B esta aprendizagem é realizada em contexto de liberdade e experimentação, longe do olhar e do controle dos adultos.

Deste modo, enfatizamos que no Grupo de Capoeira M.B, os jovens, em um contexto distinto da escola, longe do controle e dos olhares dos adultos, nas trocas entre pares, construíam aprendizados variados e de formas diversificadas. Estes saberes e formas

que emergiram nas observações realizadas no trabalho de campo serão apresentados a seguir.

Primeiramente é necessário destacar que a oralidade é um dos aspectos marcantes da prática da capoeira. Todo capoeirista “de verdade”, conhece as histórias da origem da capoeira, dos mestres, das músicas e dos próprios movimentos. Histórias que fazem parte dos “fundamentos” da capoeira. Conhecimentos necessários para o jovem tornar-se parte do Grupo, receber uma determinada corda, ser batizado e ser, assim, reconhecido pela comunidade da capoeira.

A pesquisa demonstrou que oralidade era muito marcante no Grupo M.B e se apresentava como um dos principais instrumentos de transmissão dos conhecimentos sobre a história e a “tradição” desta luta-arte. No convívio com os mestres ou professores mais antigos, os novos capoeiristas entravam em contato com esta expressão cultural, suas histórias, imagens, heróis, mensagens e rituais.

No Grupo de Capoeira as linguagens oral e corporal compunham os principais recursos pedagógicos, por meio dos quais os diferentes saberes circulavam. Isto não quer dizer que os jovens não se utilizassem também da escrita ou de meios de comunicação digital como a internet, na troca de informações com outros grupos distantes, além de acessar sites informativos específicos sobre esta temática.

Por meio de movimentos corporais, músicas, instrumentos e histórias, os jovens ensinavam e aprendiam saberes específicos desta prática. Nesta aprendizagem, oral e corporal, preservava-se saberes acumulados em muitos anos de história. Como é próprio da prática da capoeira, fundiam ou mesclavam a outras referências criando saberes e formas novas.

Nos espaços e tempos dos treinos e Rodas estabeleciam-se fortes elos afetivos entre os jovens e o aprendizado de variados saberes. A este respeito, lembra-nos Charlot (2001) no livro “ *Os jovens e o Saber: perspectivas mundiais*” que,

*aprender é apropriar-se do que foi aprendido, é tornar algo seu, é interioriza-lo. Contudo, aprender é também apropriar-se de um saber, de uma prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo, que existe antes que eu a aprenda, exterior a mim. (p.20)*

Nos treinos, batizados, eventos e rodas de capoeira, observava-se a variedade de saberes que circulava nestes espaços, onde os jovens eram constantemente postos em relação a eles. Relação esta ativa, dinâmica e também variada.

- 1) Saberes ligados, diretamente a prática da capoeira, como os golpes, os alongamentos, cuidados com postura, rituais da Roda de Capoeira, tocar instrumentos como atabaque, berimbaus, pandeiros e xique-xique, canto, dança, expressão corporal;
- 2) Relacionados aos códigos de inserção no Grupo, seja da forma de falar, de vestir, do trançar e enfeitar os cabelos, das hierarquias, etc;
- 3) Relacionados às trocas de experiências pessoais; valores como união, respeito, sinceridade, tolerância, amizade, franqueza, dentre outros: posicionamento diante do mundo, disciplina;
- 4) Relativos a distribuição espacial, lateralidade, estudos da História do Brasil, da História da Capoeira, da Cultura afro-brasileira;
- 5) Relativos a organização de eventos, trabalho comunitário, exercício de cidadania, dentre outros.

A forma como ocorriam os aprendizados variavam bastante, dependendo do tipo de saberes. Geralmente seguiam uma certa trajetória ou percurso desenhando o que denominei de **trama circular!**

Essas trocas de experiência e de saberes partiam de diferentes pontos, como distintas também eram as chegadas! Se fizermos um desenho deste movimento chegaremos a uma imagem próxima de um tricô, muito utilizado nas cidades do interior de Minas Gerais, hoje quase desconhecido e que se denominava, bordado circular, que era realizado em um pedaço de madeira sobre a qual pregos pequenos eram fincados e, onde os fios das linhas eram trançados, configurando pequenos círculos, que depois iam sendo costurados a outros formando colchas, tolhas de mesa, cortinas, forros de bandeja, e outras peças de uso decorativo e utilitário.

A seguir apresentamos cinco figuras, por meio das quais representamos as posições dos alunos e do professor/monitor durante os treinos e Rodas.

### Primeira posição: Formação Inicial

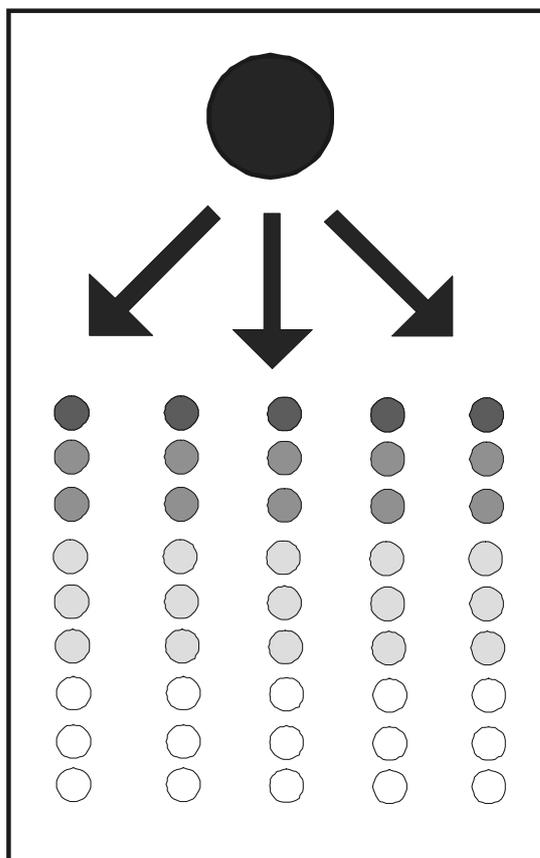


Figura 14-Esquema dos treinos

- 1) Sentido professor – alunos na vertical, lembrando a forma tradicional dos treinos, baseada nos métodos da pedagogia tradicional e, em particular, da Educação Física praticada a partir da década de 1930, mantendo uma forma espelhada na hierarquia militar, apresentando traços autoritários, onde o saber parte do alto da quadra, onde se posiciona o professor e é distribuído aos alunos a partir da hierarquia do Grupo estabelecida pela graduação.
  - Nesta perspectiva o saber se deslocava do professor para os alunos e, neste sentido, aparentemente contemplava o pressuposto de que o que se ensinava chegaria a cada aluno, de acordo com sua posição e capacidade. Muitos saberes, especialmente os ligados aos movimentos e golpes da capoeira, tinham este formato de distribuição.

Porém, é importante salientar que, apesar da forma herdada e mantida nesta perspectiva de uma pedagogia tradicional e com marcas autoritárias, a postura do professor, tanto em relação ao saber, quanto na relação com os aprendizes, não era de forma alguma autoritária.

### Segunda posição: começando a trama

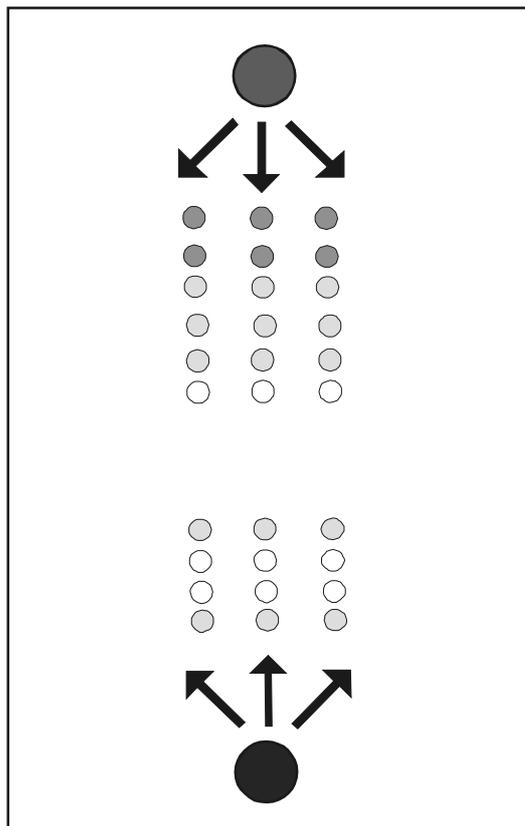


Figura 15 – Esquema dos treinos

- 2) Após um primeiro momento na posição indicada na figura 14, o professor estabelecia um intervalo e ao voltar ele já mudava um pouco a forma dos aprendizados. Ele dividia a turma em dois grupos. Um ficava sob sua coordenação e o outro sob a coordenação de algum aluno. Antes do batizado esta coordenação era realizada pelos alunos mais experientes e assíduos. Após o batizado, passou a ser realizado pelos alunos com as graduações mais elevadas. Importante aqui é observar já existir uma certa divisão de papéis e responsabilidade entre o professor e os alunos.



grupos, sub-grupos, duplas, trios, com os jovens trocando e interagindo nos papéis de aprendizes e professores.

- Nesta segunda formatação, o professor dividia seu papel com os alunos mais graduados, ora dividindo a turma em dois ou três grupos menores, ora redesenhando grupos onde os alunos trocavam e alternavam de posição ensinando e aprendendo entre os pares, enquanto o professor apenas coordenava e corrigia algum movimento ou golpe que não estivesse sendo praticado adequadamente.

#### Quarta posição: A formação da trama circular

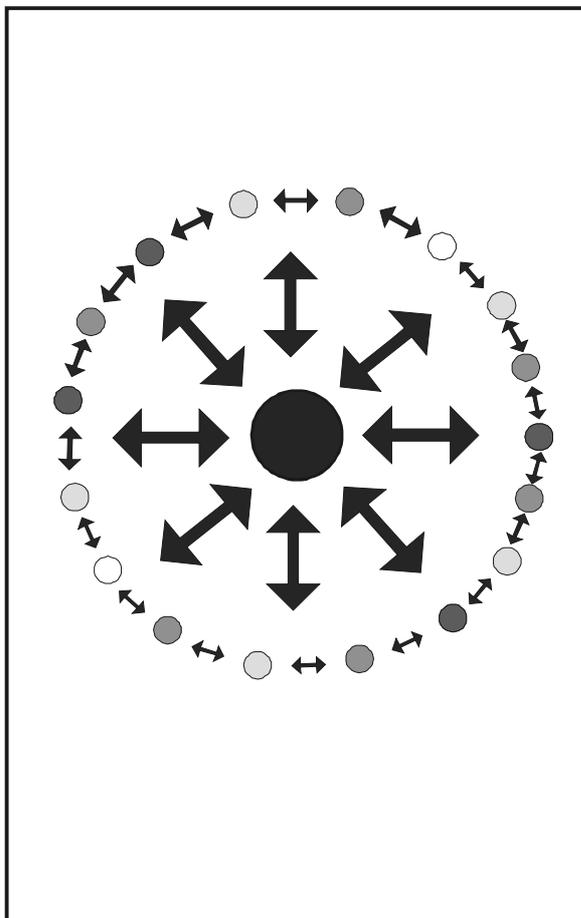


Figura 17- Esquema das Rodas

- 4) Posição em círculo: **A Roda se forma:** nesta dinâmica diversos saberes circulavam entre os jovens posicionados em torno do círculo e, entre os jovens e o professor. Este, na maioria das vezes, ocupava o centro da Roda de onde transmitia informações diversas, oportunizando debates sobre valores, comportamentos e posturas entre os jovens e, juntos, elaboravam estratégias para solucionar problemas de relacionamentos interpessoais e de organização dos eventos do Grupo, estabelecendo situações dialógicas e comunicativas.

### Quinta Posição: Desenhando novo tricô

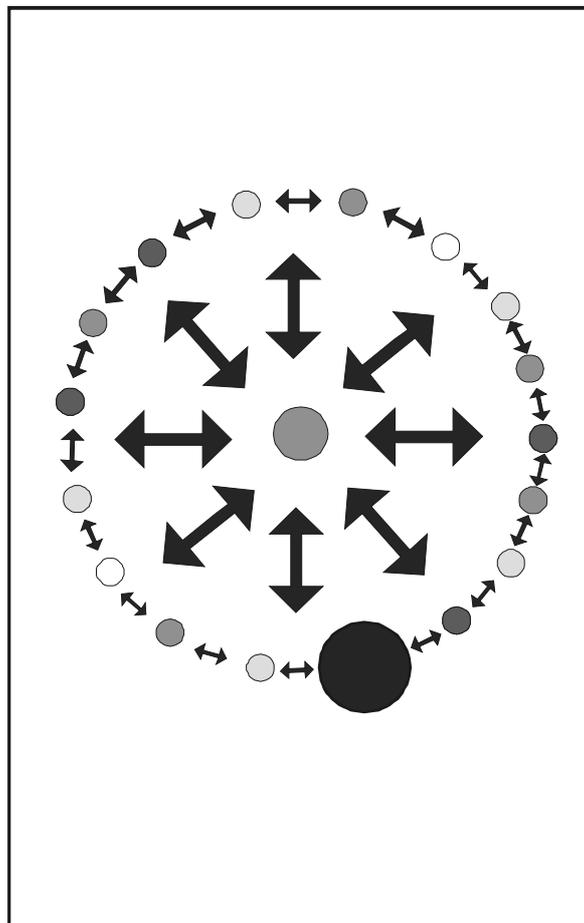


Figura 18- Esquema da Rodas

- 5) Durante a pesquisa, em vários encontros observava-se que o professor trocava de lugar com os alunos. Ele se posicionava no círculo, ao lado dos alunos e, assim, um dos alunos, vinha ocupar o centro da Roda; Nestas trocas o professor sempre falava o que sentia ou percebia no Grupo, principalmente em relação aos conflitos interpessoais. Mas, nesta posição, ele rompia claramente com seu privilégio de falar, de nomear e definir. Neste momento, ele passava para os jovens o centro da roda, a fala e, assim, o protagonismo na cena. Retomando Clartres, emponderá-los, dava lhes poder de participar do discurso e das representações do e no Grupo e sobre eles mesmos.

### 3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo de caso como o desenvolvido não nos permite conclusões ou generalizações. Apenas teceremos algumas considerações, oportunizadas pela pesquisa e amadurecidas pela relação teoria-prática estabelecidas nas vivências como educadoras.

O Grupo de Capoeira M.B estava na Escola Sédna, mas não era parte desta instituição. Esta é uma primeira e importante constatação. Existia pouca porosidade, pouco diálogo entre Grupo e Escola, apesar de algumas importantes iniciativas dos docentes e do Grupo. Em grande medida, os docentes desconheciam o que acontecia neste seu *pedaço enxertado*. Desta forma, o Grupo se localizava em um lugar intermediário, situado na fronteira “entre” o espaço de “dentro” e o espaço de “fora” da Escola.

Na trajetória e vivências juvenis, os territórios do Grupo M.B e da Escola Sédna se confundiam, pois, ocupavam, geograficamente o mesmo espaço. Os jovens estudantes delimitavam, simbolicamente, a Escola e o Grupo, pelas mesmas referências espaciais: dentro e fora do portão. Porém, na prática, Escola e Grupo permaneciam cindidos pela pouca permeabilidade das relações entre eles.

Grupo e Escola eram parte do *território* de socialização, interação, formação de valores, identidades e perspectiva de projetos de futuro para a maioria dos jovens pesquisados, ambos, situados nas *fronteiras*, entre os espaços sociais e as distintas trajetórias juvenis. A Escola e o Grupo de Capoeira, em muitos momentos, se tornavam palco dos encontros e desencontros destes espaços/mundos sociais tão próximos e tão distintos, em suas regras de convivência e valores.

Neste cenário, Escola e Grupo de Capoeira ocupavam um lugar social de fronteira, entre-lugares: o social *de cima (favela)* e social *de baixo (os bairros do entorno)*. Esses espaços estavam totalmente imbricados, porém cindidos. Escola e Grupo lidavam diferentemente com esta situação incomoda de interstício de mediação.

Por causa da condição de fronteira da Escola e do Grupo de Capoeira, as relações nestes espaços se constituíam nos interstícios e fimbrias destes dois mundos sociais. Ambos marcados pela exclusão econômica e cultural, porém, simbolicamente separados pelo tipo e profundidade da exclusão e pelas regras e valores formados nestes espaços e diante das situações específicas de exclusão.

Este estudo de caso evidenciou que eram muitos e distintos os significados do Grupo de capoeira na vida dos jovens. Ele ocupava o lugar de outras atividades ou lugares que os adolescentes gostariam de participar e não podiam, como a ginástica, o balé, o cinema, o teatro. Nele namoravam, se relacionavam, teciam laços de amizade, partilhavam sonhos e dificuldades. Nele, dividiam suas angústias, extravasavam suas emoções, discutiam, expressavam seus medos, suas raivas. No Grupo disputavam espaço, definiam identidade, trocavam e assumiam diferentes papéis. Também no Grupo, colocavam em xeque seus valores, suas dificuldades, superando obstáculos, criando uma auto-imagem positiva de si e dos outros. A participação no Grupo ampliava seus horizontes, suas perspectivas de vida e de futuro, permitindo elaborar estratégias e caminhos alternativos.

No Grupo de Capoeira cada participante, a seu modo, encontrava referências, modelos, vislumbrava possibilidades que o ajudava a se situar dentro de um mundo em permanente mudança, como o que vivemos. Ele se constituía para muitos adolescentes um ponto de apoio onde podiam comparar, compartilhar as diferentes experiências de vida, conciliar vivências por vezes contraditórias e, transformá-las.

Mas o Grupo também era um espaço de conflito de várias ordens: aparência física, papéis, lugares e por disputas pessoais. Porém, na maioria das vezes, tais conflitos eram “*postos na roda*”! Eram discutidos, analisados e, cada um expunha seus sentimentos e opiniões. Desta maneira, constatamos que, a maioria dos conflitos servia para unir mais o grupo e fortalecer a autoridade do professor, constituindo-se, na sua explicitação, em um espaço de formação de opiniões e valores que conformavam aquelas identidades juvenis.

Neste singular universo juvenil pesquisado, impressionava a pluralidade de vivências e trajetórias juvenis que abrigam tantas histórias e configurações diferentes, que com certeza, permitir-nos-ia a construção de vários Estudos de Casos densos e reveladores da condição juvenil e das relações analisadas.

Assim, a pesquisa evidenciou que a Escola Sédna era o espaço onde as várias juventudes se encontravam, as diferenças se cruzavam e se mesclavam. No Grupo e na Escola, os jovens pesquisados elaboravam saberes práticos e cotidianos com os quais buscavam construir estratégias e táticas diferenciadas para sair, resistir ou mesmo forjar caminhos diferentes daqueles já postos em seu viver cotidiano. Os caminhos individuais se confluíam e eram partilhados nos grupos de pares, seja de amigos, colegas da Escola, da

vizinhança, família, ou no Grupo de Capoeira. Em suas estratégias e trajetórias, escola e grupos se encontram e se complementam.

Desta forma, consideramos que a Escola poderia ser um lugar privilegiado para a comunicação intercultural e para a constituição de sujeitos que conciliam sua “*cultura particular*” com as múltiplas formas de participação no mundo. Mundo este que, no dizer de Certeau, o antecede, constituído por regras pré-estabelecidas, formando sua própria identidade onde, tanto professores quanto alunos, sejam considerados sujeitos de direitos. Assim, nesta relação dialógica, estariam construindo novos referenciais de identidade e convivência plural.

Apesar da dificuldade de diálogo e reconhecimento entre culturas juvenis e Escola, tanto esta instituição quanto o Grupo de Capoeira, eram percebidos e usufruídos pelos jovens como espaços de socialização, formação e inserção social e, portanto, espaços educativos e significativos na construção identitária destes. Eram também, partes fundamentais em suas estratégias de futuro, dentro das condições e expectativas diferenciadas destes jovens, advindas das condições concretas de pertencimento, inserção econômica, social e cultural destes.

Por último, é importante enfatizar que o Grupo de Capoeira M.B pode ser considerado como um espaço educativo, assim como a Escola, pois é um locus privilegiado de construção e trocas de valores, saberes e referências identitárias. Junto com a Escola, o Grupo se constituía como uma das poucas opções e espaços de socialização, cultura, lazer e esporte para os jovens dentro da região onde moram o que, em certa medida, explica a importância deste espaço, assim como de outros grupos juvenis, para esta população.

Diante deste cenário, destacamos que urge a nós, educadores, perguntar quem são os jovens, que estudam em nossas escolas, indagando sobre os sentidos e significados dos seus grupos culturais, que saberes circulam ou são construídos nestes espaços, que influências recebem e como as recebem e as res-semantizam. E, finalmente, indagar o que as questões postas por eles, nestes diferentes cenários, têm a nos dizer sobre escola, currículo, conhecimento etc.

Estas questões podem apontar caminhos para que encontremos o lugar da escola na vida destes jovens. Mas, para isto, é imprescindível que conheçamos e reconheçamos as diferentes culturas de que eles são portadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**; Punks e Darks no espetáculo urbano. São Paulo, Scrittta, 1994.

ABRAMO e BRANCO (ORG). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, Instituto Cidadania/ Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRENER, DAYRELL e CARRANO. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO e BRANCO (ORG). **Retratos da Juventude Brasileira**: análise de uma pesquisa nacional, São Paulo; Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.175-242.

CARRANO, Paulo. Identidades Juvenis e Escolas. In: Jovens, escola e cultura, **Revista de Educação de jovens e adultos**, São Paulo, RAAAB, Novembro de 2000, no. 10, p.9-18.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Lucy, MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar e cozinhar. São Paulo; Vozes, 2003, 5ª ed.

CHARLOT, Beranrd (org). **Os jovens e o saber**: Perspectivas Mundiais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

DA MATTA, Roberto. **A Casa e a rua** – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1997.

DAYRELL, Juarez. (Org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, no. 30. dez.1999.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Anped, set/out/nov/dez de 2003, nº 24.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da Juventude em Belo Horizonte. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

IBASE. **DEMOCRACIA VIVA** – Especial Juventude e Política, jan/mar, 2006.

GUIMARÃES, Eloisa. **Escolas, galeras e narcotráfico**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

NOVAES, Regina Reyes. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Wendel et ali (org.) . **Juventude em debate**, DP&A 1999. P. 46-70.

NOVAIS e VANUCCHI, (ORG). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004.

PERALVA, Angelina. **O Jovem como modelo cultural**. Revista brasileira de educação. São Paulo, ANPED, n5/6, 1997.

SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado do conhecimento sobre juventude e educação**. São Paulo, INEP 2000. Disponível em [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br), acesso em setembro 2002.

SPÓSITO. Marília Pontes. Juventude e protagonismo social. **Observatório da educação e juventude**. Disponível em <<http://www.controlesocial.org.br/notmídia>> .